



LUIS-PHILIPPE PEREIRA LEITE

Lenine C. Póvoas

Os últimos anos do século XX nos têm trazido emoções profundas.

Além do terremoto econômico-financeiro que sacudiu o mundo e o Brasil, principalmente, e que nos deixou temerosos do que ainda nos virá pela frente, sofremos vários golpes emocionais.

Um deles foi a perda do ilustre homem público e de letras, Dr. Luis-Philippe Pereira Leite.

Na espantosa rapidez com que se sucedem os fatos na vida social de Mato Grosso, onde a cada momento desembarcam milhares de indivíduos que vêm em busca de melhora de vida e que nada conhecem dos nossos fatos históricos (nem pretendem conhecer), tudo vai caindo rapidamente no esquecimento.

Nascido em Cuiabá, a 12 de dezembro de 1916, na Capital mato-grossense, realizou seus cursos primário e secundário. Diplomou-se Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Niterói, e retornando, depois, ao seu Estado natal passou a exercer várias funções públicas, ocupando cargos da maior projeção social e política.

Oficial de Gabinete da Secretaria Geral do Estado, Procurador Geral do Estado, membro do Conselho Seccional da Ordem dos Advogados do Brasil, do Conselho Penitenciário, do Conselho Regional de Desportos e, ainda, membro do importantíssimo Conselho Administrativo do Estado, foram os postos nos quais revelou sua inteligência, sua capacidade de trabalho e seu imenso desejo de servir a Mato Grosso.

Manteve colaborações nos jornais e revistas *O País*, do Rio de Janeiro, *O Gládio*, de Niterói, *O Nordeste*, de Fortaleza, *A Cruz* e o *Estado de Mato Grosso*, de Cuiabá.

Também sua presença era constante na “Página dos Novos”, da *Revista da Academia Mato-Grossense de Letras*.

As manifestações de seu talento literário credenciaram-no para ocupar uma Cadeira na Academia Mato-Grossense de Letras, para a qual foi eleito em 1944 (posse a 8 de abril de 1946) e, posteriormente, para o Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso, no qual ingressou a 6 de junho de 1946.

Sua comprovada vocação para o desempenho de altas funções públicas levaram-no a aceitar a candidatura para a qual fora convidado, de Deputado Estadual, posto para o qual foi consagrado nas eleições de 19 de janeiro de 1947, para a Constituinte mato-grossense.

Num período em que a Assembléia Constituinte dedicava-se, exclusivamente, à elaboração da Carta Magna estadual, que deveria ser promulgada dentro do prazo marcado pela Constituição Federal (quatro meses a partir da instalação da Constituinte estadual), os Deputados se entregavam totalmente aos trabalhos das Comissões, encargo que era cumprido pelos representantes do povo com alto espírito público e devoção patriótica, o que determinou que a Constituição de Mato Grosso fosse considerada uma das melhores do Brasil e fosse solicitada para inspirar muitos artigos das de outros Estados.

Nessa fase, Luis-Philippe deu uma grande e silenciosa contribuição a Mato Grosso, posto que a opinião pública não estivesse bem a par do que ocorria nas reuniões das Comissões do Parlamento Estadual, pela natural deficiência, àquela época, de divulgação dos trabalhos legislativos. Os jornais, semanais, eram impressos à força manual, não existia a televisão e as estações de rádio eram apenas uma ou duas.

Numa ocasião em que a Assembléia Legislativa de Mato Grosso se ufanava de contar em seu seio com brilhantes figuras de intelectuais e de homens da projeção moral de José Fragelli, Gervásio Leite, Virgílio Alves Corrêa Neto, Benedito Vaz Figueiredo, Jary Gomes, Cacildo Arantes Júnior, André Melchiades de Barros, Luís Alexandre de Oliveira, Itálvio Coelho, Sebastião Oliveira, Antônio Ribeiro de Arruda, Waldir dos Santos Pereira e vários outros, era motivo de júbilo para todos contarem com um colega do estofa de Luis-Philippe Pereira Leite.

Foi justamente nesses dias que ocorreu um fato que mais o elevou no conceito dos seus pares; condenado, pelos médicos especialistas, à perda total da visão, que já se mostrava muito reduzida, Luis-Philippe resolveu renunciar ao seu mandato de Deputado, ponderando que pouco poderia produzir em favor do nosso povo.

Os Deputados, unanimemente, não se conformaram que ele renunciasse antes da promulgação da Constituição Estadual, cuja votação já se encontrava próxima do

fim. Seria um motivo de tristeza para os seus colegas que a Carta Magna de Mato Grosso não contasse com a assinatura de um dos homens mais brilhantes que para ela contribuíram.

Finalmente, Luis-Philippe atendeu aos rogos dos Deputados e permaneceu no cargo até passar a data da promulgação, a 11 de julho de 1947, renunciando na semana posterior.

Tenho observado que em nosso meio social corre, entre alguns, a errônea suposição de que nas Academias só deveriam entrar os que já publicaram livros. Mas há livros e livros...

Nem sempre a publicação de uma obra recomenda o autor para o ingresso nas Academias. O que realmente recomenda o candidato são as provas de sua cultura, de seu talento, que podem ser aferidas através de colaborações na imprensa, de discursos, de poesias, de desempenho no magistério, etc.

A primeira obra, melhor diria, *plaquette*, editada por Luis-Philippe surgiu em 1946, trazendo justamente o seu discurso de posse na Academia, contendo o elogio do bravo e culto mato-grossense Corsino do Amarante, patrono da sua Cadeira nº 21.

A começar desse pequeno-grande livro, Luis-Philippe partiu para a construção de sua preciosa herança cultural, composta de 30 obras editadas depois que ele foi atingido pela desdita da perda da visão!

Por vinte anos – de 1976 a 1996 – exerceu a Presidência do Instituto Histórico e Geográfico, comandando religiosamente suas reuniões administrativas e solenes e mantendo rigorosamente em dia a correspondência da instituição, que não era pequena.

Como se não bastasse, durante esse período editou a quase totalidade de suas obras de inestimável valor histórico, custeadas pelo seu próprio bolso e, ainda, pagando anualmente a edição da Revista do Instituto que, durante essas duas décadas, não falhou uma única vez.

Com a morte do renomado historiador Pedro Calmon, um dos mais brilhantes nomes da cultura nacional, abriu-se uma vaga nos quadros do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Preenchê-la era o desejo de muitos destacados membros da elite cultural do país. Quem não desejaria suceder a Pedro Calmon?

Luis-Philippe teve a sua candidatura levantada por vários amigos e admiradores de sua obra, sendo eleito, em renhida disputa, para a cobiçada cadeira de Pedro Calmon.

Tive o privilégio de estar presente à posse de Luis-Philippe, na majestosa sede do IHGB, no conhecido Largo da Lapa.

A assistência foi tão numerosa que o local da cerimônia teve de ser transferido, à última hora, para outro salão – o maior e mais imponente do IHGB –, para comportar tão grande e seleta assistência.

Foi nessa solene sessão que Luis-Philippe, privado totalmente da visão, pronunciou, de improviso, memorável discurso sobre passagens da história mato-grossense, encantando a todos que o ouviram, pela minúcia e precisão das informações, armazenadas na sua prodigiosa memória.

O ingresso desse ilustre cuiabano no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ampliou a lista das personalidades de Mato Grosso que tiveram a honra de integrar o mais alto Panteon da história nacional. Foram eles: Antônio Navarro de Abreu (Tenente-Coronel, um dos líderes da campanha pela nossa Independência); Dom José Antônio dos Reis (1º Bispo de Cuiabá); Dom Carlos Luís D'Amour (1º Arcebispo de Cuiabá); Dom Francisco de Aquino Corrêa (2º Arcebispo de Cuiabá); Virgílio Corrêa Filho (Secretário Geral da Entidade, por muitos anos); José de Mesquita (Desembargador e Presidente da Academia Mato-Grossense de Letras) e, por último, Lenine de Campos Póvoas, eleito Membro Correspondente da mais importante instituição de cultura histórica do país.

A vida de Luis-Philippe foi, assim, um edificante exemplo para todos nós, especialmente para a juventude brasileira.

Adeus Confrade, Presidente! Cuiabá, amargurada pela sua perda, orgulha-se de ter servido de berço para um homem como você!